

UMA DÉCADA DE EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NO BRASIL: LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES (2013-2023)¹

*A DECADE OF MEDIA EDUCATION IN BRAZIL: A SURVEY
OF MASTER AND PHD THESES (2013-2023)*

CAMILA GUSMÃO²

ELAINE JAVORSKI³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mapear as pesquisas sobre educação midiática no Brasil, examinando teses e dissertações produzidas entre 2013 e 2023. Os dados foram coletados a partir do Catálogo da Capes e da Biblioteca de Teses e Dissertações (BTDI). Foram identificados 57 trabalhos no total, sendo 41 dissertações e 16 teses, analisados nas seguintes categorias: 1) número de trabalhos acadêmicos por ano; 2) distribuição geográfica dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) que abordam educação midiática; 3) número de pesquisas por PPG; 4) classificações temáticas das teses e dissertações; e 5) técnicas de pesquisa utilizadas. Os resultados mostram que as metodologias predominantes são entrevistas e análises bibliográficas. Além disso, as pesquisas estão concentradas na região centro-sul do país, indicando uma necessidade de estudos em áreas socioeconomicamente menos favorecidas, como o norte e nordeste.

Palavras-chave: Educação midiática; Pesquisas Acadêmicas; Mapeamento

Introdução

A partir dos anos 2000, de acordo com Marquette (2021), os pesquisadores e as instituições demonstraram mais interesse em debater a temática de educar para as mídias. Essa influência emerge, sobretudo, devido à preocupação gerada pelo desenvolvimento de tecnologias que impactam significativamente a forma como a sociedade se comporta diante dos ambientes digitais, em especial os mais jovens.

As discussões sobre os impactos causados pelo uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) vêm se aprofundando no meio acadêmico, os debates giram em torno das influências positivas e negativas que essas ações podem causar, em especial no âmbito escolar. Existe ainda uma preocupação com as transformações sociais e cognitivas que podem ser geradas pelo uso excessivo dos aparelhos tecnológicos.

1 Resultados apresentados no XVII Simpósio de Comunicação da Região Tocantina.

2 Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz.

3 Professora adjunta do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Doutora em Ciências da Comunicação e dos Media pela Universidade de Coimbra

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cada 100 pessoas com mais de 10 anos de idade, 85 utilizaram a internet no ano de 2021. Além disso, os dados mostram que a internet está presente em 90% dos lares do país. Isso torna evidente que o uso e o acesso à internet vêm permeando o ambiente social e possui grande poder de mediar as relações.

Os “nativos digitais” (Prensky, 2010) têm muita facilidade em usar as ferramentas disponíveis, mas existe uma diferença entre ter essas habilidades e saber usá-las de forma crítica. De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), 67% dos jovens com 15 anos não sabem a diferença entre fato e opinião, o que mostra um déficit em relação ao uso crítico dos meios tecnológicos.

No Brasil o tema das TDICs já vem sendo apontado nas demandas de políticas públicas, como é o caso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017/18, que aborda a inclusão da educação midiática no sistema educativo. Em 2022, aconteceu a aprovação da Política Nacional de Educação Digital (PNED), que também incluiu a educação midiática.

É a partir dessa necessidade que surgem estudos relacionados à educação midiática. Por esse motivo, é pertinente realizar um panorama das pesquisas sobre a temática no país. O objetivo deste artigo é localizar as pesquisas realizadas na área, a fim de identificar quais são as abordagens temáticas apresentadas nos trabalhos, caminhos metodológicos e regiões que têm a maior frequência sobre esse estudo.

Para tanto, foi necessário realizar um levantamento das teses e dissertações sobre educação midiática defendidas nos programas de pós-graduação (PPG) entre os anos de 2013 e 2023. Para realizar a coleta dos dados foi utilizado o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com foco na palavra-chave educação midiática.

A busca através dessa palavra-chave gerou o corpus de 57 trabalhos, sendo 41 dissertações e 16 teses, que foram analisadas a partir das seguintes categorias analíticas: 1) número de trabalhos acadêmicos por ano; 2) distribuição geográfica dos PPGs com pesquisa de educação midiática; 3) pesquisas sobre educação midiática por PPG; 4) classificações temáticas das teses e dissertações e 5) técnicas de pesquisa.

Este artigo está organizado da seguinte forma: no próximo tópico faremos uma análise da trajetória dos estudos relacionados à educação midiática, apontando produções e autores pioneiros na área, onde os primeiros estudos surgiram, até chegar à América Latina. Em seguida, abordaremos o que se tem discutido atualmente, levando em consideração os resultados obtidos através do levantamento de dados das teses e dissertações.

Caminhos teóricos e surgimento do termo

Existem vários termos que permeiam sobre a temática, dentre eles Mídia-educação, Literacia midiática, Educomunicação, Alfabetização midiática, Letramento midiático, Educação para os *mídia*, Competência midiática. Apesar da multiplicidade na denominação dos conceitos, eles convergem em alguns pontos. Para a realização deste trabalho, optamos por utilizar o termo Educação midiática na delimitação da pesquisa.

De acordo com Marquette (2021) estudos iniciais em torno do termo *media education* surgiram por volta de 1920, na França, cujo objetivo era promover conhecimento sobre o cinema da época. Aliados a trabalhos desenvolvidos na Grã-Bretanha, os países se mantiveram como os principais incentivadores da área, até a década de 60.

A partir de 1970, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) passou a incentivar pesquisas nessa área, com foco para outras mídias, no entanto com a atenção voltada para a educação universitária. Segundo Bévort e Bellon (2009) em 1982, no congresso de Grunwald, na Alemanha, surge o conceito de mídia-educação, que classifica práticas pedagógicas com foco na promoção do uso das mídias de forma crítica.

Para além do território europeu, países como Estados Unidos, Canadá e Austrália também desenvolveram suas pesquisas. "A partir dos anos 2000, a preocupação com o pensamento crítico tornou-se o foco central dessas ações, que se expandiram para as escolas, e que já contavam com incentivos em diversos outros territórios" (Marquette, 2021, p. 79).

Segundo Soares (2014), a Unesco corrobora com a perspectiva de *Media Education*, dando apoio para iniciativas em diversos lugares do mundo, que buscam auxiliar os currículos escolares. Esse conceito está caracterizado pela relação dos estudantes com a comunicação e as novas tecnologias, ou a mídia. Por esse motivo, a maneira de realizar esse tipo de trabalho ganha diferentes nomenclaturas como *Educación para los Medios*, na Espanha; *Educação para os Médias*, em Portugal e *Mídiaeducação*, no Brasil.

Segundo Soares (2014), Inglaterra, Austrália e Canadá eram referências nos anos 70 para a área da Educação Midiática. Parte dessa inclinação se dava pela qualidade dos programas, bem como do apoio que esses países recebiam do governo.

Nos Estados Unidos, o reconhecimento e a valorização do assunto oscilaram na dependência do envolvimento do governo: em períodos republicanos, pouco apoio; já em tempos democratas, relativa expansão, especialmente nas escolas públicas. No final do primeiro mandato de Clinton, por exemplo, a *Media Literacy*, até então presente nos programas educativos de apenas 12 dos estados, alcançou definitivamente os parâmetros curriculares (academic standards) de todas as unidades federadas (Soares, 2014, p. 2).

Na França, por exemplo, o governo informou em 2007 que havia inserido a *Éducation aux Médias* no currículo obrigatório de todas as escolas do país. De acordo com Soares (2014), na América Latina essa temática não ganhou reconhecimento através de políticas públicas, mas de projetos desenvolvidos por instituições em que os membros eram religiosos, educadores, ativistas etc. O autor destaca programas de educação realizados na Argentina, que merecem destaque por ter alcançado resultados relevantes a nível nacional, como o caso do projeto desenvolvido pela Organização Não Governamental (ONG) *Las Otras Voces*, de 2004.

As Outras Vozes faz parte da Aliança Global da Unesco para a Alfabetização Midiática e Informacional e do Conselho Audiovisual para Crianças (CONACAI), promovido pela Autoridade Federal para Serviços de Comunicação Audiovisual (ENACOM). Coordena na Argentina a ALFAMED, a rede interuniversitária euro-americana (LAS OTRAS VOCES, 2004, s/p).

No entanto, os registros apontam que a Educação Midiática na América Latina se deu a partir dos anos 1960, com base nos projetos que aconteceram desde então. A primeira iniciativa encontrada se deu por volta de 1968, com o projeto *Plan de Ni Niños*, do professor Luis Campos

Martínez, cujo objetivo era focado na formação de professores para que pudessem utilizar o cinema em sala de aula. Esse projeto cresceu e alcançou diversos países do continente, inclusive o Brasil (Soares, 2014, p. 8).

O caminho para a educação midiática no Brasil se iniciou de forma parecida, como observa Soares (2014), devido a trabalhos desenvolvidos em ONGs, núcleos acadêmicos e trabalhos de pós-graduação. Através dos projetos desenvolvidos nas universidades, a temática conseguiu se aproximar das políticas públicas. “A educação para uma recepção ativa e crítica das mensagens midiáticas apesar de continuar sendo obra de pioneiros, avança com expectativas positivas para o futuro” (Soares, 2014, p. 4).

No início dos anos 2000, a Unesco publicou uma série de documentos sobre alfabetização midiática, nos quais aborda a desinformação. Com base nesse material é possível observar que essa temática tem sido uma preocupação para países que almejam o fortalecimento da democracia e dos direitos humanos, além de ter a educação midiática como caminho no combate à desinformação. “Parece haver um entendimento de que as pessoas precisam ter o controle e a responsabilidade sobre conteúdos que produzem, propagam e consomem, principalmente na internet, e a escola tem a função de formar os estudantes para este contexto” (Marquetto, 2021, p. 79).

De acordo com Martino e Menezes (2012), é importante observar que, para aprender a utilizar os meios, faz-se necessário pensar a sociedade de maneira crítica, ou seja, não se deve olhar especificamente para uma determinada mídia e sim para o “um *modus operandi* do espaço social no qual as mediações simbólicas acontecem na e a partir da comunicação, pensada como processo articulado ao conjunto das práticas relacionais” (Martino; Menezes, 2012, p. 14).

Além disso, é necessário ter cuidado com as abordagens tecnicistas do termo. Para Marquetto (2021), não se deve definir uma lista de competências necessárias para ser letrado. Buckingham (2007 *apud* Marquetto, 2021), explica que ao abordar a alfabetização midiática, é necessário compreender que se trata de práticas sociais em diversas camadas, que vão além de saber usar, isso implica em mudanças de cenário baseadas nas relações econômicas, culturais e políticas envolvidas na vida de cada indivíduo. “Focar no saber usar são habilidades relativamente fáceis de adquirir, mas se tornam obsoletas rapidamente” (Marquetto, 2021, p. 82).

Em relação à distinção dos termos educação midiática e alfabetização midiática, Feilitzen (2014 *apud* Marquetto, 2021) afirma que a alfabetização midiática (e informacional) corresponde a uma série de habilidades que são necessárias adquirir a respeito da mídia. Já a educação midiática, está diretamente ligada aos processos para se obter a alfabetização midiática, ou seja, faz parte do processo educativo. Enquanto a alfabetização midiática é o objetivo, educação midiática é um meio para chegar ao objetivo. No Brasil existem ainda dois termos que fazem a relação entre comunicação e educação, são eles: educomunicação e mídia-educação, que possuem diferenças se comparados com os conceitos já mencionados.

O conceito de educomunicação foi desenvolvido pelo professor e pesquisador Ismar Soares, entre 1997 e 1999. Atualmente existe uma graduação em Educomunicação, na Universidade de São Paulo (USP), voltada para formar um profissional específico da área.

Para o autor esse é um termo que está diretamente ligado aos movimentos sociais, na luta por direito à comunicação, ficando a educação com a missão de garantir o acesso através do aprendizado. Nesse sentido, a mídia e sua capacidade são levadas em consideração, mas o foco está no aumento da capacidade de se comunicar dentro de determinada comunidade educativa.

A essência da metodologia da educomunicação é permitir que as pessoas descubram a natureza das suas relações comunicacionais a partir de seu lugar social e de seus interesses, estendendo um convite para se apoderar das linguagens e processos de produção (Marquetto, 2021, p. 88).

Já em relação à mídia-educação, Fantin (2011 *apud* Marquetto, 2021) explica que o foco está voltado para as mediações escolares, com o objetivo de inserir temáticas da mídia no ambiente escolar para que sejam problematizadas. Mesmo que não haja um consenso sobre o termo, este se baseia na ideia de formar usuários com pensamento crítico e criativo para que possam consumir e produzir de forma consciente as TDICs.

Após desenvolver um panorama sobre as pesquisas relacionadas à educação midiática, o próximo tópico vai abordar o levantamento realizado no catálogo de teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em comunicação e jornalismo no Brasil. A partir dos dados, apontaremos as análises acerca do corpus investigado, a partir de diversas categorias de análises.

Educação midiática na pós-graduação (2013-2023)

Esta pesquisa foi realizada na BDTD e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, que reúnem os textos integrais das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa, nos programas de pós-graduação do país.

Para esta investigação, escolhemos fazer um recorte temporal dos últimos dez anos, com o objetivo de compreender a evolução das pesquisas, além de analisar os estudos mais recentes da área. O levantamento foi realizado no mês de agosto de 2023 e localizou 57 trabalhos de educação midiática produzidos no Brasil nos últimos anos, sendo 41 dissertações e 16 teses.

Para compreender e avaliar os dados partiu-se do caminho metodológico da análise de conteúdo quantitativa levando em consideração cinco categorias analíticas, que são: 1) número de trabalhos acadêmicos por ano; 2) distribuição geográfica dos PPGs com pesquisa de educação midiática; 3) pesquisas sobre educação midiática por PPG; 4) classificações temáticas das teses e dissertações e 5) técnicas de pesquisa.

Fizemos a escolha do termo “educação midiática”, dentre as nomenclaturas existentes, para ser a palavra-chave da pesquisa nos dois bancos de dados. Vale ressaltar que a escolha da palavra-chave para realizar as buscas é vista como uma amostra do universo total de trabalhos que giram em torno da temática.

Inicialmente, no catálogo de teses e dissertações da Capes, apareceram 745 resultados. No entanto, para refinar as buscas, selecionamos Comunicação na área de conhecimento, a partir daí surgiram apenas 34 resultados. Já na BDTD, a busca pelo termo gerou 998 trabalhos, no entanto, ao selecionar o assunto Comunicação, esse número caiu para 23. Analisamos, por tanto, 57 trabalhos de educação midiática com foco na área da comunicação.

A seguir, na tabela 1, tratamos da quantidade de estudos acadêmicos, entre teses e dissertações, realizadas por ano. Percebe-se que as teses, são pouco desenvolvidas nesse campo em questão.

Tabela 1 – Resultados do nº de trabalhos acadêmicos por ano

| Ano | Dissertações | Teses |
|-------|--------------|-------|
| 2013 | 6 | - |
| 2014 | 1 | 1 |
| 2015 | 5 | - |
| 2016 | 2 | - |
| 2017 | 4 | - |
| 2018 | 2 | 1 |
| 2019 | 4 | 1 |
| 2020 | 4 | 1 |
| 2021 | 5 | 8 |
| 2022 | 6 | 1 |
| 2023 | 2 | 3 |
| Total | 41 | 16 |

Fonte: elaborado pelas autoras com base no banco da Capes e BDTD

É possível observar que chegou a ter momentos (2013, 2015, 2016 e 2017) em que não foi registrada nenhuma tese realizada por pesquisadores da área, seguida pelo período do aparecimento de um único trabalho por ano (2018, 2019, 2020). Em 2021 a quantidade de pesquisas defendidas sobe para oito, mas não representa um dado crescente, tendo em vista que nos anos seguintes a produção continua baixa, até a conclusão deste artigo.

Podemos observar ainda, que as dissertações têm maiores índices de produção durante a maior parte do período investigados, com uma média de quatro publicações por ano, nos últimos 10 anos. O fato pode estar atrelado a maior quantidade de programas de pós-graduação para mestrado em comunicação, já que nem todas as instituições desse meio possuem curso de doutorado.

De acordo com Reis (2022), ao observar que a maior parte das pesquisas é constituída por dissertações, é possível refletir que esse é um tipo de estudo que contribui para o que já se tem estabelecido dentro de cada tema. Diferente de uma tese, cujo objetivo é criar algo novo. “É necessário também ampliarmos a quantidade de teses sobre o assunto, [...] isto é, oferecer contribuições inéditas e originais” (Reis, 2022, p. 49).

É importante apontar que as pesquisas desenvolvidas na academia são consideradas uma forma de contribuir para as políticas públicas de educação, como afirma Soares (2018), ao acompanhar o banco de teses e dissertações da CAPES, é possível identificar que os estudos realizados demonstram a importância de incorporar a educação midiática nos currículos escolares.

O autor ainda ressalta que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017, se baseia em partes no que se tem estudado da temática, além de projetos no âmbito das pós-graduações no Brasil. “Não há dúvida de que os técnicos e assessores que trabalharam na redação dos projetos tiveram acesso, ainda que não sistemático, a esse saber recém-difundido” (Soares, 2018, p. 6).

No quadro a seguir tratamos a respeito da Distribuição geográfica dos PPGs com pesquisa de educação midiática. Notamos que dissertações e teses estiveram presentes em 26 programas de pós-graduação nos últimos dez anos. Além disso, a maioria desses cursos está concentrada na região sudeste do país, que possui 15 PPGs com produção sobre o assunto, isso representa mais da metade (57%) do universo total de programas que tiveram pesquisas na área.

A região sul aparece em seguida, com sete programas (26%). Observa-se que as pesquisas do campo estão concentradas no centro-sul do Brasil, ficando centro-oeste (7%) e nordeste (7%) com uma pequena parcela de instituições. Já a região norte não apresentou nenhum trabalho desenvolvido no âmbito da pós-graduação com foco na educação midiática.

O quadro apresentado evidencia a região norte em um panorama geral de pesquisas no Brasil, na qual está defasada na quantidade de doutores. De acordo com Sylvio Ferreira, reitor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em entrevista para a Folha de S. Paulo (Batista, 2017), existe uma dificuldade em manter profissionais qualificados na região, tendo em vista que muitos buscam aprovação em concurso, mas logo em seguida vão embora. Além disso, é importante ressaltar a dificuldade no processo de formação de estudantes locais, que se deve aos diversos problemas sociais e econômicos que permeiam a Amazônia.

Quadro 1 - Distribuição geográfica dos PPGs com pesquisa de educação midiática

| Região | UF | PPGs |
|------------------|----|--|
| Sudeste (15) | SP | PPGCOM/ESPM; PPGCOM/FCL; PPGCOM/UNESP; PGCC/UNISO; PPGCOM/USCS; PPGCOS/PUC-SP; PPÓSCOM/UMESP; PPGCOM/USCS; PGCOM/UNESP; PPGDCC/UNICAMP; PPGCOM/USP |
| | RJ | PPGMC/UFF; PPGCI/UFRJ; PPGECC/UERJ |
| | MG | PPGCOM/UFOP; PPGCOM/UFMG; PPGCOM/UFTM |
| Sul (7) | RS | PPGCC/UNISINOS; PPGCOM/PUC-RS; PPGCOM/UFMS; PPGCOM/UFRGS; PPGENSINO/UNIVATES |
| | PR | PPGCOM/UTP; PPGCOM/UFPR |
| Nordeste (2) | SE | PPGCOM/UFS |
| | RN | PPGCOM/UFRN |
| Centro-oeste (2) | MS | PPGCOM/PUC-MS; PPGCOM/UFMS |
| | DF | PPGCOM/UNB |
| Norte (0) | | |

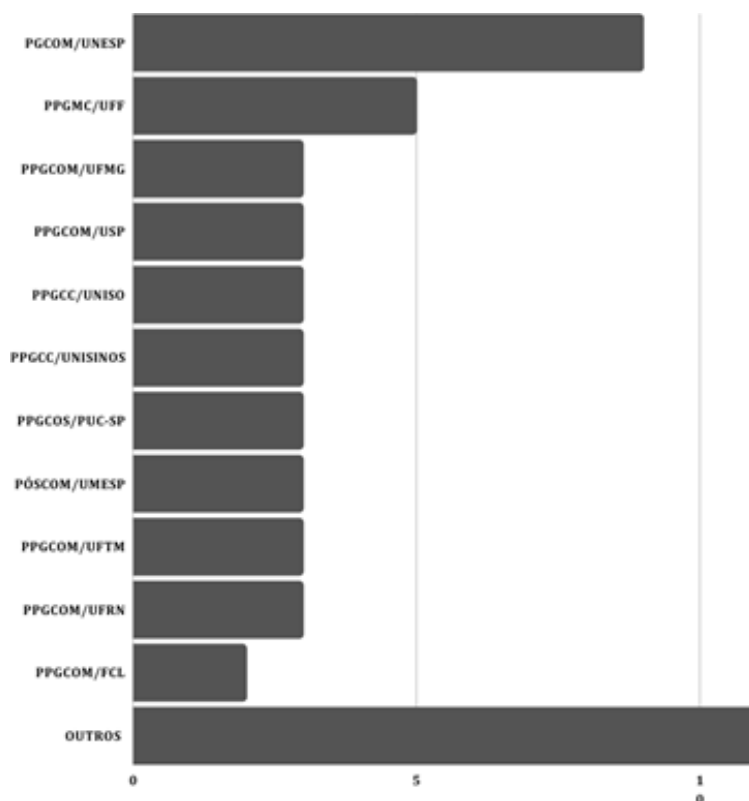
Fonte: elaborado pelas autoras com base no banco de dados da Capes e BDTD

A seguir, analisamos o gráfico 1, que consta das pesquisas sobre educação midiática por PPG. Diante do conjunto de programas, o que mais se destaca é o PPGCOM da Universidade Estadual Paulista (UNESP), com nove trabalhos. Vale ressaltar que o curso da instituição é dividido em três linhas concentradas em Comunicação midiática, o que corrobora para o volume de pesquisas na área da educação. Seguido pelo Programa de Pós-graduação em Mídia e

Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal Fluminense (UFF), que realizou cinco pesquisas, o programa abrange diversas temáticas, dentre elas a relação entre comunicação e educação.

As outras instituições contam um número menor de trabalhos desenvolvidos no recorte desta pesquisa, são elas: PPGCOM/UFMG (3); PPGCOM/USP (3); PPGCC/UNISO (3); PPGCC/UNISINOS (3); PPGCOS/PUC-SP (3); PÓSCOM/UMESP (3); PPGCOM/UFMT (3); PPGCOM/UFRN (3). Além do PPGCOM/FCL com dois trabalhos. No gráfico ainda constam 11 pesquisas classificadas em “outros”, que são oriundas de programas de só tem uma pesquisa na temática de educação midiática.

Gráfico 1 N° de pesquisas sobre educação midiática por PPG



Fonte: elaborado pelas autoras com base no banco da Capes e BDTD

No que diz respeito às temáticas dentro dos estudos, selecionamos os temas que são mais recorrentes em cada trabalho, a partir das palavras-chave que mais aparecem. Observa-se que mesmo a busca pertencendo ao eixo do universo que abrange a mídia, comunicação e educação, os trabalhos dialogam com diversas vertentes. A presença de pesquisas que abordam a educação (18) fica evidente, principalmente no que diz respeito ao espaço escolar, ou práticas de ensino que de uma forma ou de outra dialogam entre si, que é o espaço em que a maior parte dos pesquisadores da educação midiática vem concentrando.

Como exemplo desse primeiro grupo, podemos citar a dissertação de Felipe Aloisio da Silva Santos, do PPGMC/UFF, defendida em 2020 cujo título é “Mídia e Educação: os desafios cotidianos entre a prática de ensino e o discurso político de inclusão digital”. Dentre as palavras-chave não se encontra a educação midiática, mas os conceitos principais que norteiam o trabalho são: Alfabetização Midiática, EduComunicação, Competência Crítica em Informação (CCI) e Política Pública de Inclusão Digital, que busca justamente discutir a inclusão digital dentro do ambiente escolar.

Outra parte dos resultados encontrados se concentra na Comunicação, com 16 trabalhos utilizando o conceito como palavra-chave, no entanto, observa-se que independente de ser utilizado como conceito central, é um tema que permeia todos os trabalhos, sendo discutidos na abordagem teórica.

Em seguida, surge como destaque a Educação midiática, foco desta investigação, com nove pesquisas. A alfabetização midiática e educomunicação também aparecem em sete estudos cada. Ainda que se usadas como busca nas bibliotecas digitais, levarão a um número maior de resultados, ofertando outro universo de abordagem, também são encontradas nesta busca específica.

A título de exemplo, temos a tese da Mariana Ferreira Lopes, defendida em 2021, na UNESP, carregando o título: A dimensão sensível da educomunicação: a contribuição da experiência estética ao campo de interface entre comunicação e educação no Brasil. O objetivo é estudar a inter-relação entre comunicação e educação.

Em seguida, aparece o termo Desinformação, que foi encontrado em 6 estudos. Vale ressaltar que vem sendo recorrente nos debates o uso da educação midiática no combate à desinformação e conseqüentemente nas pesquisas acadêmicas. O conceito não é novo, mas os cenários que se apresentam a partir das tecnologias digitais são um forte agravante, tendo em vista que na internet qualquer assunto circula numa velocidade impensável.

O combate às notícias falsas, as fake news, tema transversal quando falamos sobre mídias e educação, também tem sido uma preocupação demonstrada por autoridades competentes no Brasil [...]. A temática também está englobada em uma das mais recentes iniciativas de políticas públicas realizada pelo MEC, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tem como uma das habilidades previstas a capacidade de lidar de maneira crítica com os conteúdos disponíveis em jornais, revistas e redes sociais (Sousa, 2019, p 62).

Por fim, o letramento midiático também aparece entre as palavras mais recorrentes (4). As outras palavras-chave analisadas ficam abaixo dessa quantidade, ou aparecem apenas uma vez nos resultados.

Gráfico 2 - Temas mais recorrentes nas palavras-chave



Fonte: elaborado pelas autoras com base no banco da Capes e BDTD

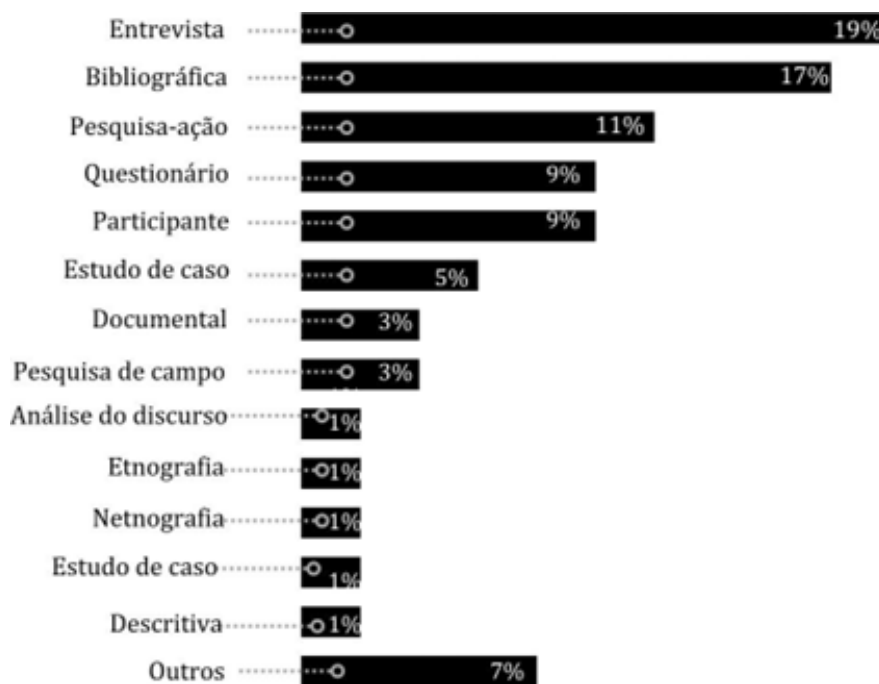
Observamos também as metodologias de pesquisa utilizadas nos estudos de educação midiática. Ao todo, foram identificadas 20 técnicas diferentes nos 57 estudos analisados, sendo a entrevista (19%) e revisão bibliográfica (17%) as duas principais.

Em seguida aparece a pesquisa-ação (11%), questionário (9%), pesquisa participante (9%) e estudo de caso (5%), como as mais recorrentes, conforme demonstrado no gráfico 3.

Outras técnicas como análise do discurso, etnografia, netnografia, e pesquisa descritiva tiveram pouca participação nos resultados, com apenas 1% de cada método presente nos trabalhos. Existe ainda uma quantidade de metodologias classificadas como “outras” (7%), por se tratar de caminhos metodológicos pouco usuais na área da comunicação e do jornalismo, além de não aparecer com frequência nos estudos que foram analisados.

A partir das técnicas de pesquisa descritas abaixo, podemos ver que grande parte da forma como a educação midiática vem sendo investigada tem foco qualitativo, através de entrevistas, buscando a interação social para compreender os fenômenos que permeiam a área. Além da pesquisa bibliográfica, merece destaque a pesquisa-ação, que tem a proposta de resolver algum tipo de problema, fato que se encaixa muito bem em projetos realizados em escolas, a exemplo de ações presentes nas pesquisas realizadas nos últimos dez anos.

Gráfico 3 - Técnicas de pesquisa utilizadas nas teses e dissertações



Fonte: elaborado pelas autoras com base no banco da Capes e BDTD

Considerações finais

O levantamento realizado neste estudo buscou fornecer um resumo do cenário sobre as pesquisas em educação midiática no Brasil, com base nas teses e dissertações produzidas entre os anos 2013 e 2023. Podemos considerar que ainda falta um avanço nas pesquisas, tendo em vista que nos últimos dez anos tiveram apenas 57 trabalhos com foco na comunicação desenvolvidos na área, a maioria dissertações. O número de teses distribuídas ao longo dos anos mostra grandes lacunas, alguns anos sem nenhuma pesquisa sobre o tema.

Podemos considerar também a concentração da pesquisa em programas de pós-graduação concentrados no centro-sul do país, sendo as regiões sul e sudeste as detentoras de um maior número de produção acadêmica. Esse cenário destaca a necessidade de se pensar estratégias e políticas públicas voltadas para as regiões menos favorecidas, tendo em vista que a educação midiática está sendo implementada nos currículos escolares por todas as escolas do território nacional.

Mídia, comunicação e educação são os temas de partida dos trabalhos analisados. Quando focam na educação, estão mais detidos no espaço escolar ou nas práticas de ensino, já quando se referem à comunicação, percebe-se que a discussão se concentra mais na abordagem teórica. Sobre as metodologias de pesquisa utilizadas, as principais encontradas foram a entrevista e a revisão bibliográfica.

Por fim, observamos, ainda, que não existe um consenso entre os autores sobre qual termo utilizar na interface mídia e educação e assim diferenciá-los em diferentes categorias, o que mostra a necessidade de pesquisas que levem em consideração essa demanda.

Referências

Assunção Reis, T. (2022). **Um estudo sobre o jornalismo local e regional no**

Brasil: um levantamento de teses e dissertações (2010-2020). Pesquisa em Jornalismo Brasileiro, 18 (3), 574-597. <https://doi.org/10.25200/BJR.v18n3.2022.1541>

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 3. ver. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 ago 2023

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L.. **Mídia-educação**: conceitos, história e perspectivas. Educação & Sociedade, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set. 2009.

BATISTA, Everton. Região Norte tem 11% do número de pesquisadores doutores do Sudeste., in: **Folha de S. Paulo** [S. l.], p. 01, 27 nov. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2017/11/1938684-regiao-norte-tem-11-do-numero-de-pesquisadores-doutores-do-sudeste.shtml>. Acesso em: 14 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021. In: Agência de notícias **IBGE**. [S. l.], 16 set. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>. Acesso em: 11 set. 2023.

MARQUETTO, Cristiane. **Alfabetização midiática e jornalismo: práticas jornalísticas na escola para o desenvolvimento do pensamento crítico no combate à desinformação**. 2021. Dissertação (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Unisinos, [S. l.], 2021.

Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9711>. Acesso em: 11 set. 2023.

MARTINO, Luis Mauro; MENEZES, José Eugenio. Media Literacy: competências midiáticas para uma sociedade midiaticizada. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade Cásper Líbero**, [s. l.], 1 set. 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/index>. Acesso em: 11 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Leitores do Século XXI**, <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa/resultados>, 20 maio 2021. Acesso em 9/agosto/2023

PERUZZO, Cicília. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. In: PCLA, v. 4, n. 1, out/nov/dez. 2002.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a). Disponível em

<<http://www.marcprensky.com/writing/>>. Acesso em 10/agosto/2023.

RIBEIRO, F. P. Paulo Freire na Comunicação e os Meios de “Comunicados” Rizoma, v. 1, n. 2, p. 78-91, 30 dez. 2013.

QUIÉNES Somos. In: **Quiénes Somos**. Argentina: Las Otras Voces, 10 mar. 2004. Disponível em: <https://lasotrasvoces.org.ar/quienes-somos/>. Acesso em: 14 set. 2023.

SOARES, I. de O. **Educomunicação e Educação Midiática**: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. *Comunicação & Educação*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014.

DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v19i2p15-26. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>. Acesso em: 10 set. 2023.

SOARES, I. de O. Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 7-24, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v23i1p7-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/144832>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SOUSA, Lumária. **Favelação**: experiências de letramento midiático através da pesquisa- ação. 2019. Dissertação (Mestrado em comunicação) - Universidade Federal Fluminense, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15300>. Acesso em: 11 set. 2023.